

Isso significa que, quando a escola está adoecida e não se apresenta apta a cumprir seu pap

O POTENCIAL RENOVADOR DA ESCOLA

A NECESSIDADE DE SE REPENSAR A EDUCAÇÃO PASSA PELA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Em 2007, conheci a Fundação Casa Grande, em Nova Olinda, no Vale do Cariri, no Ceará, e me deslumbrei com a possibilidade de uma educação efetivamente integrada às necessidades objetivas de uma comunidade. Deslumbrei-me com a educação que, baseada no diálogo e na responsabilização do todo e das partes que compõem esse todo, preza pela transmissão cultural sob uma perspectiva local e global, mas sobretudo pelo desenvolvimento da socialização. Fiquei quinze dias na Fundação e aprendi, na prática, com Alemberg Quindins, idealizador da instituição, provavelmente um leitor de Paulo Freire ou, no mínimo, um caboclo da mesma falange, que o processo de ensino/aprendizagem precisa ser orgânico para fazer sentido.

Aos que se interessam pelos re-
quintes de aventura, ouvi falar da
Fundação Casa Grande em uma pa-
lestra na Prefeitura de Vitória no
mesmo ano e convenci três amigos a
atravessarem o sertão em um Ford
Ka, mil, numa viagem memorável. O
pianista Joaquim Henrique, recém

chegado da Áustria, a escritora Anne
Ventura e o compositor Zé Moreira.
Foram três dias de viagem até che-
garmos à Fundação Casa Grande. Era
uma tarde de terça-feira do mês de
julho, não havia adultos no local, só
crianças. Uma mistura de road mo-
vie, "Vidas Secas" e peregrinação epi-
fânica. Alemberg nos ofereceu duas
semanas de hospedagem e alimen-
tação em troca de oficinas de música
e criação literária.

Hoje, mais do que nunca, não tenho
dúvidas que aprendemos muito mais
do que tínhamos para ensinar.

No final de 2014, tive um outro
encontro fundamental, dessa vez, em
Barbacena, com o antropólogo e edu-
cador Tião Rocha. Idealizador e pre-
sidente do CPCD (Centro Popular de
Cultura e Desenvolvimento), Tião
criou metodologias de ensino que
dispensam a institucionalização co-
mo conhecemos, no formato tradi-
cional. Seu laboratório criativo foi o
Vale do Jequitinhonha, uma das re-
giões mais pobres do Brasil, mas uma
das regiões mais ricas do Brasil, ele
faz questão de ressaltar o paradoxo.
Em uma noite fria de Barbacena, três
horas de conversa particular no seu

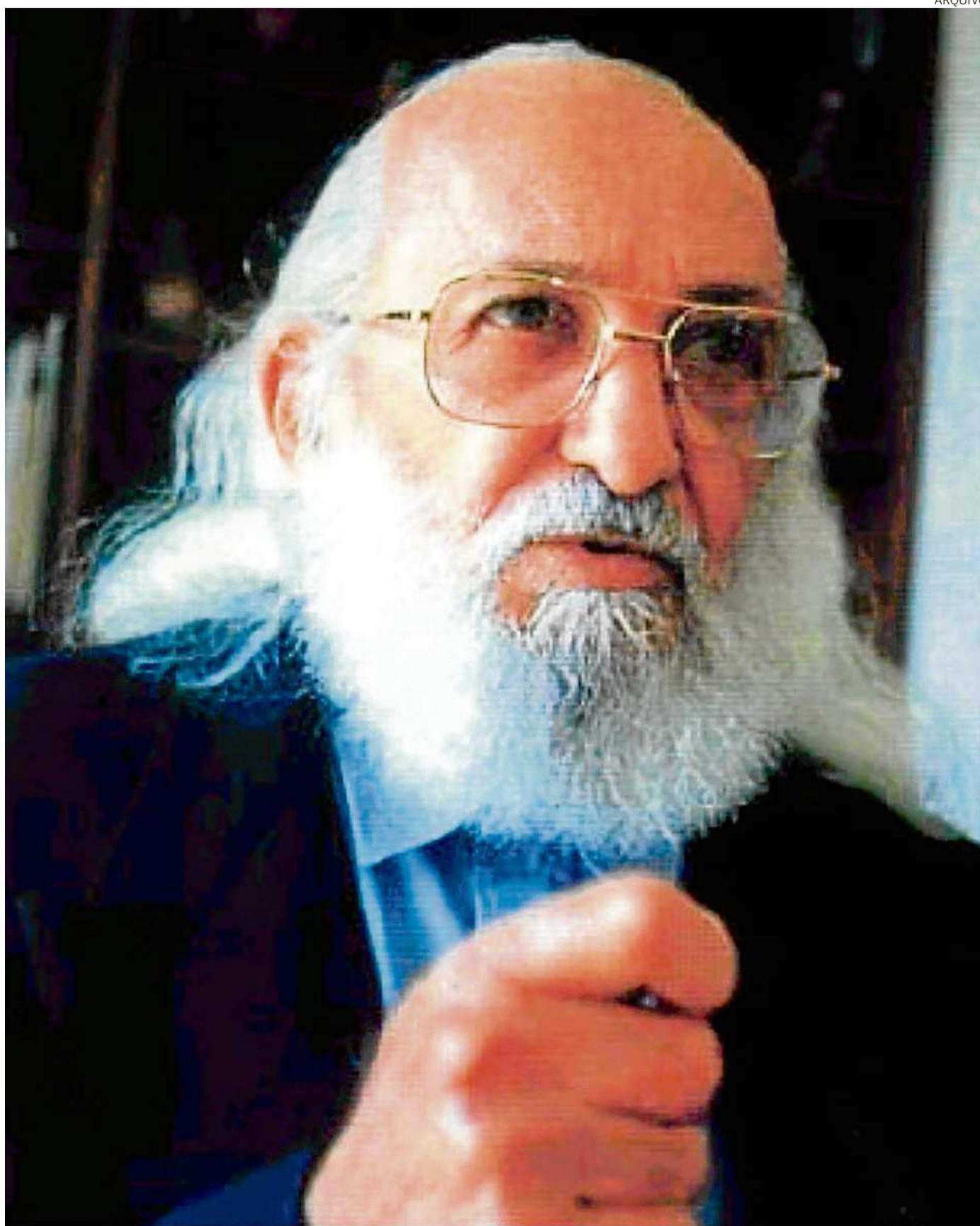
*Há muita pesquisa
sobre educação no
Brasil, mas talvez
haja pouca
reflexão
nas escolas,
principalmente,
sobre o tema”*

sítio mudaram significativamente os
rumos da minha formação como pro-
fessor. Parte considerável das refle-
xões a seguir nasceram desses dois
encontros. E em parte devem ser
atribuídas a eles - que preferiram não
registrá-las em livro, mas que não se
furtam em contagiar com esse eros
pedagógico quem se aproxime.

Apesar de Tião e Alemberg me mos-
trarem uma educação não institucio-
nalizada, ainda acredito que não há
nada mais urgente hoje que a escola. O
problema é que a naturalização da
perda do sentido da educação ameaça
todos os dias esse lugar privilegiado
para a reflexão, o diálogo e a au-
tocriação. A escola como espaço de
superação dos reducionismos e da aco-
modação das mentalidades está com-
prometida porque está atrelada a cri-
térios econômicos e porque não há
reconhecimento real do seu poder
emancipatório pela sociedade - inclu-
sive por parte dos professores.

Há muita pesquisa sobre educação no
Brasil, mas talvez haja pouca reflexão nas
escolas, principalmente, sobre o tema. Os
professores não se interessam por não
terem tempo, por serem desestimula-
dos economicamente pelos salários ➤

el, é porque a sociedade está igualmente adoecida e também inábil



ARQUIVO

“A educação é uma ideia que se realiza na prática, tem sob os pés o terreno da ética e não se desliga”

tidianamente uma educação estética e urgente que privilegie o diálogo e o exercício de alteridade.

A sociedade não urge por matemáticos virtuosos e precoces, atletas de óculos, antissociais, mas por crianças e jovens humanizados, críticos, afetuosos, com vontade de promover transformações sociais efetivas. A responsabilidade da escola hoje é fomentar uma revolução da sensibilidade. Menos TIC (tecnologia da informação e da comunicação) e mais TAC (tecnologias de aprendizagem e convivências), mais uma das lições de Tião. E essa revolução só será possível quando privilegiarmos um currículo voltado para as artes e para a filosofia, em ampla perspectiva. Ao contrário do que afirma o senso comum, a estética não cria anestezização, não nos desliga do mundo, nem dispensa processos de racionalização, mas nos põe em contato com o real que não pode ser apreendido exclusivamente em processos racionais e portanto amplia nossa relação com o mundo aprimorando a aplicação de princípios éticos.

Grupos sociais que hostilizam Paulo Freire e reivindicam o fim de um processo de instauração da democracia - ou seja, protestam pelo direito de nunca mais protestar -, cidadãos que incitam o estabelecimento do ódio, da punição, da coerção e do cerceamento foram vítimas do mesmo processo deficitário que hoje desejam restaurar. E é preciso romper esse círculo sintomático e vicioso.

Se é necessário que as escolas se ocupem de uma formação que dê conta das demandas objetivas da comunidade, como me ensinou Aemberg Quindins, não há nada mais urgente do que uma escola feminista, de combate ao racismo, que lute pela garantia de direitos amplos independentes da sexualidade ou da etnia, que promova uma conscientização ambiental em perspectiva integrada. São esses os compromissos que devem ocupar não apenas o topo da agenda de todo professor (independente da sua área), mas de qualquer cidadão.

> que recebem, ou por mil outros motivos. E em muitos momentos a falta de debate reflete a falta de estofo. Essa perda do eros pedagógico - ou seja, o desejo de saber do professor e do aluno - é o principal sintoma de uma escola adoecida.

Mas educação não é sinônimo de institucionalização, portanto para educar uma criança, são palavras do Tião Rocha, é preciso mobilizar uma tribo

inteira. Isso significa que quando a escola está adoecida e não está apta a cumprir seu papel é porque a sociedade está igualmente adoecida e também inábil. A educação é uma ideia que se realiza na prática, tem sob os pés o terreno da ética e não se desliga, como apontou Adorno (em Educação após Auschwitz), da sociologia e da política.

Quem passa por lá sabe que a escola

atual está longe de ser um lugar em que se promova respeito, porque o processo de ensino se divorciou da ética. Ao mesmo tempo, inflada de ausências, o gosto pela objetividade mesquinha, barata, quantitativa, tem espaços privilegiados - na universidade não é diferente.

A valorização das áreas técnicas desprovidas do poder de autocriação, criatividade e humanização nublam co-